

# ENTRE A COMIDA DO CAMPO E DA CIDADE: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS EM TORNO DA ALIMENTAÇÃO DE FAMÍLIAS RURAIS ASSENTADAS<sup>1</sup>

**KRONE, EVANDER ELOÍ<sup>1</sup>; FIALHO, Marco Antônio Verardi<sup>2</sup>**

<sup>1</sup>Universidade Federal de Santa Maria- evanderkrone@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Santa Maria – marcoavf@hotmail.com

## 1. INTRODUÇÃO

Os alimentos e a comida, para além de sua razão prática do consumo, envolvem representações, crenças e práticas sociais que conformam uma cosmologia alimentar e que expressa a visão de mundo de um grupo social. Neste sentido, estudos antropológicos realizados no Brasil vêm mostrando que categorias nativas como *forte/fraco*, *quente/frio*, *reimoso/sem reima*, *gostoso/sem gosto* têm sido utilizadas por grupos camponeses para classificar ou atribuir valor aos alimentos. Assim temos, como mostrado por Lévi-Strauss (1976), que os alimentos não são bons apenas para serem comidos, mas também para serem pensados.

Desta forma, tendo os assentamentos rurais como espaço privilegiado de estudo, este trabalho procura analisar as representações sociais em torno da alimentação de famílias rurais assentadas dos municípios gaúchos de Pedras Altas e Tupanciretã<sup>2</sup>.

O trabalho procura mostrar que os atores sociais estudados classificam e atribuem valor aos alimentos a partir do uso de categorias nativas. Assim, pretendemos evidenciar a presença de um sistema de classificação que procura distinguir e delimitar característica de uma alimentação considerada urbana e de uma tradição alimentar camponesa.

## 2. METODOLOGIA

Para a realização desse estudo adotamos como procedimento metodológico ferramentas da abordagem etnográfica, tendo como universo de observação os assentamentos rurais com suas redes sociais e, dentro delas, as unidades de produção agrícolas e demais atores sociais. Devido à natureza das informações buscadas, a metodologia implementada se valeu de uma ênfase na observação participante. Paralelo a isso foram realizadas entrevistas semiestruturadas visando detalhar processos, representações, práticas e hábitos referentes à produção, consumo e circulação dos alimentos.

Foram realizadas, gravadas e posteriormente transcritas onze entrevistas, das quais seis foram realizadas em Tupanciretã e outras cinco no município de Pedras Altas. Cabe situar, ainda, que os assentamentos estudados constituem uma diversidade étnica, já que, ali se encontram famílias descendentes de imigrantes italianos e alemães, afrodescendentes, bem como, há famílias que se

---

<sup>1</sup> Trabalho desenvolvido no âmbito do Curso de Especialização em Agricultura Familiar Camponesa e Educação do Campo da Universidade Federal de Santa Maria.

<sup>2</sup> Cabe situar que Tupanciretã localiza-se na região central do Estado do Rio Grande do Sul à cerca de 390 km de Porto Alegre. Já Pedras Altas também dista cerca 390 km da capital, no entanto, localiza-se no extremo sul do Estado, sendo que parte de seu território é área de fronteira com o Uruguai.

reconhecem como brasileiros ou descendentes de portugueses. Em grande medida, procuramos também abarcar na coleta das entrevistas esta diversidade étnica. Desta forma, para a definição das famílias a serem entrevistadas partiu-se de um procedimento não aleatório, procurando abarcar a diversidade e as diferentes realidades presentes nos assentamentos rurais estudados.

A abordagem observacional tomou grande parte do procedimento metodológico. Foi em diversos espaços, reuniões, atividades lúdicas e coletivas e muitas vezes em conversas informais com assentados e assentadas, agentes de extensão rural, bem como com moradores locais que o *corpus* empírico criou forma. Em Tupanciretã a realização das entrevistas compreendeu os meses de outubro, novembro e dezembro de 2010. Contudo, a pesquisa já vinha sendo desenvolvido desde maio do mesmo ano, o que significou várias idas a campo. Já em Pedras Altas o período de realização da pesquisa foi mais reduzido, devido ao fato da perspectiva de estudar assentamentos da região sul ter se concretizado apenas em fins de 2010. Desta forma, o trabalho de campo dessa região foi realizado em janeiro de 2011.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Na atualidade, os saberes e práticas relacionadas aos processos de produção e transformação dos alimentos foram deslocados, em grande medida, para o âmbito da indústria. Neste contexto, o processamento relacionado à alimentação moderna transformou, especialmente o consumidor urbano, em um alienado dos processos de produção e elaboração dos alimentos, aquilo que alguns autores têm denominado como “consumidor puro”<sup>3</sup>.

Estudos de Fischler (1995) também têm destacado a presença de uma ansiedade urbana contemporânea em relação à alimentação, encontrando respaldo em pesquisas recentes que vêm destacando que, após sucessivas crises alimentares, temos uma queda de confiança dos consumidores nos alimentos processados pela indústria alimentar.

Cabe ressaltar que apesar de Fischler (1995) ter identificado a presença de um anseio e uma desconfiança em relação à alimentação industrializada em um contexto urbano, os dados desta pesquisa evidenciam este mesmo tipo de percepção no contexto estudado das famílias rurais assentadas. Assim, os alimentos industrializados são percebidos como fonte de ansiedade e desconfiança, sendo considerados pelas famílias assentadas como potenciais causadores de doença.

Para as famílias assentadas, a comida da cidade está associada à ideia de alimentação industrializada, sendo classificada como uma comida *fraca* e menos saudável. Já a comida camponesa é associada à produção própria de alimentos, entendida como aquela que é considerada a melhor, mais *forte* e saudável e que dá a ideia de saciedade para aqueles que a consomem.

Ramos (2007) chama atenção para o fato de que apesar do hibridismo e das mudanças no cardápio cotidiano das famílias rurais, a comida da roça é marcada por saberes e práticas relacionadas a uma tradição rural. Assim, segundo a autora, diferentemente da alimentação urbana, a refeição camponesa é marcada pela presença de alimentos frescos que provém da produção própria

---

<sup>3</sup> Cazes-Valette (1997) entre outros, indica que nas sociedades urbanizadas, em que ocorre o aprofundamento da separação entre produtor e consumidor, o processo de produção é cada vez mais distante do consumidor, que então se constituiria como um “consumidor puro”.

onde cada alimento informa saberes como o carnear, o preparar a terra, realizar o plantio, fazer a colheita.

Se, por um lado os alimentos industrializados são alvo de desconfiança e anseio, por outro lado é a produção própria de alimentos que encarna, no imaginário das famílias assentadas, o alimento saudável. Esta percepção agrega-se ao fato de que, diante da produção própria dos alimentos, as famílias assentadas detêm e controlam os conhecimentos necessários para a produção e elaboração dos alimentos. Vários estudos – ver, por exemplo, Gazzola (2009); Griza e Schneider (2008); Menasche *et al* (2008) – têm destacado também o fato de que, diferente do que ocorre nos cultivos comerciais na produção voltada para o autoconsumo, as famílias rurais não têm se valido do uso de agrotóxicos. Desta forma, as famílias assentadas associam também à produção própria de alimentos à ideia de uma produção *limpa e natural* e, portanto, livre de elementos contaminantes e estranhos ao saberes e fazeres camponeses.

Embora as famílias assentadas evidenciem uma preocupação e uma ansiedade em relação à alimentação industrializada e em contraposição uma valorização da produção própria de alimentos, na prática o que se pôde verificar no cardápio cotidiano das famílias rurais estudadas é um hibridismo alimentar que contempla tanto os alimentos de produção própria quanto o consumo de alimentos industrializados.

Para entender esse paradoxo, nos apoiamos em Darmon (1993 *apud* MENASCHE, 2003), que indica que nas ideias que as sociedades criam sobre seu progresso, os aspectos positivos do mundo moderno são, de modo geral, negligenciados. Neste sentido, Menasche (2003) propõe compreender que, embora o consumo de alimentos industrializados seja recorrente, poucos são os atores que situam a praticidade, a facilidade ou a economia de tempo como características positivas de sua utilização, preferindo ressaltar principalmente seus aspectos negativos.

#### 4. CONCLUSÕES

A alimentação urbana é classificada pelas famílias rurais estudadas como de menor qualidade do que a alimentação camponesa, no entanto, na prática isso não tem significado uma negação ou abandono do consumo de alimentos providos da cidade. Em grande medida, o uso de categorias nativas como *forte/fraco* tem servido como meio de distinguir, delimitar e classificar características entre a alimentação considerada urbana e de uma tradição alimentar camponesa.

No entanto, apesar do hibridismo alimentar presente na dieta alimentar das famílias estudadas existe uma valorização da produção própria de alimentos, pois associada à produção voltada para autoconsumo está a ideia de uma produção limpa e natural. Desta forma, no imaginário das famílias assentadas, é considerado como saudável aquele alimento que provém da produção própria e, que, portanto, não é estranho ao *saber-fazer* camponês.

Contudo, como pudemos situar, a crítica aos alimentos industrializados não tem significado um comportamento de recusa a esses alimentos. Em um contexto onde temos uma aproximação cabe vez maior entre o universo rural e urbano, a alimentação das famílias assentadas reflete, em grande medida, um hibridismo que associa alimentos do campo e da cidade.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAZES-VALETTE, Geneviève. La vache folle. CULTURES, nourritures. **Internationale de l'imaginaire**: nouvelle série, Arles, 7, p.205-233, 1997.

FISCHLER, Claude. **El (h)omnívoro**: el gusto, la cocina y el cuerpo. Barcelona: Anagrama, 1995.

GAZOLLA, Marcio. **Agricultura familiar, segurança alimentar e políticas públicas**: uma análise a partir da produção para autoconsumo no território do Alto Uruguai/RS. Porto Alegre: UFRGS, 2004. 306f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural. Faculdade de Ciências Econômicas. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004.

GRISA, Catia; SCHNEIDER, Sérgio. “Plantar pro gasto”: a importância do autoconsumo entre famílias de agricultores do Rio Grande do Sul. **RER**, Piracicaba, SP, vol. 46, nº 02, p. 481-515, abr/jun 2008. Disponível em: <<http://ageconsearch.umn.edu/bitstream/61247/2/v46n2a08.pdf>>. Acesso em: 4 abr 2011.

LÉVI-STRAUSS. Claude. **O totemismo hoje**. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

MENASCHE, Renata. **Os grãos da discórdia e o risco à mesa**: um estudo antropológico das representações sociais sobre cultivos e alimentos transgênicos no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS, 2003. 287f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003.

MENASCHE, Renata *et al.* Autoconsumo e segurança alimentar: a agricultura familiar a partir dos saberes e práticas da alimentação. **Revista de Nutrição**, Campinas, v. 21, 145s-158s, jul./ago., 2008.

RAMOS, Mariana de Oliveira. **A “comida da roça” ontem e hoje**: um estudo etnográfico dos saberes e práticas alimentares de agricultores de Maquine (RS). Porto Alegre: UFRGS, 2007. 175f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural. Faculdade de Ciências Econômicas. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007.